

## NOITE VAZIA

Maria do Carmo Brandão

Marianela pegou o soutien de dentro da gaveta, olhou-o com carinho e colocou-o em cima da cama. Continuou a se vestir, esticou as meias de nylon com ligas, do jeito que ela gostava, passou as mãos pelas pernas acomodando as meias no lugar, calçou os sapatos de salto mais alto. Olhou novamente para o soutien e colocou-o nos seios, sempre com o mesmo cuidado no vestir e fechando-o às costas. A blusa de seda transparente estava linda sobre o corpo carnudo e esbelto. A cor da pele sob a transparência aumentava o ar sensual de Marianela, que trazia no rosto moreno uma expressão de desejo e tranquilidade.

Daquela vez ia dar certo, ela pensava enquanto rodava a saia nas cadeiras carnudas e quase salientes. Não podia deixar de notar que àquela noite realmente ela estava boazuda. Que faria tremer de emoção o jovem grisalho que ela paquerara na rua. E que lhe causara tanto tremor pelo corpo, à simples menção da possibilidade de um encontro. Depois a troca de telefones, o abaixar-se doce na janela do carro, ele inclinando os olhos para melhor usufruir do colo perfeito que se estendia até o talhe que separava ou unia os seios.

Só podia ser bom — Marianela rastejando pensamentos ávidos —, ninguém poderia ser ruim, tendo aquela voz sonora, o olhar viril e sonhador. Ninguém poderia ser mau, se dependesse daquelas mãos vigorosas que apertavam as suas com tamanho calor e meiguice. As horas aceleravam o ato de passar perfume atrás das orelhas, no colo, na superfície do ventre e descendo as coxas. As horas ela combatia valentemente, cada ato executado com atenção mais especial que em qualquer outra época de que se recordasse.

Oswaldo nunca passara de bom amigo, do falar nas horas certas, do alfinetar com palavras doces, ainda que revestidas de uma certa raiva. Mas havia sido uma presença em sua vida. Com o corpo, o espírito, o intelecto. Uma emoção bastante forte a qualquer contato, mesmo que pelo telefone. Mas Oswaldo partira, antes do incidente, sem aviso prévio.

E ela ficou sem saber como encontrá-lo e ao encontrá-lo, como dizer, o tempo escoando, Marianela foi-se esquecendo do pior, após tanto desespero, tanta fossa e abandono...

Apenas as colegas de serviço, os amigos poucos, porém chegados. Os votos de sucesso e esperança, você é jovem demais, pra tudo tem conserto. E ela ouvindo e enquanto ouvia apalpava as ataduras sob a camisola. E auscultava o peito arfante, como se só ali estivesse o grande segredo que as pessoas sequer notavam.

Marianela sempre brilhante e independente. Marianela fazendo troça, rindo de tudo e de todos. Chorando nas horas certas. Colecionando elogios como se eles lhe bastassem ao espírito confuso. Os telefones sempre tocando, em casa ou no serviço. Marianela sempre com mil programas. Que a faziam rir e a traziam de volta à casa, bem-humorada e «satisfeita».

Mirou-se perdidas vezes no espelho, nádegas e peitos, pernas de égua de corrida, fortes e resolutas. Estava perfeito o xadrez da saia com a pele de ovo da blusa. O cinto preto e dourado firmava a cintura, fazendo suspender ainda mais as bochechas laterais. Tomando a bolsa com documentos e chaves do carro, Marianela encaminhou sua formosura em direção à noite.

Marinho a esperava, como combinado. Mais lindo do que ela o recordava à luz do dia. De azul e branco, emergia em meio às luzes de neon como um deus. Suas mãos, frágeis e frias, aqueceram-se entre as mãos dele. Caminharam passos dados até o carro e partiram.

Um jantar à luz de velas, repasto e vinhos. Perfeita a noite, como num sonho. As verdades subindo à cabeça, a coragem em dizê-las. Vontade de contar tudo, de rasgar o verbo e poder chorar no ombro, quando tivesse se esgotado. Num ombro largo

como a estrada da vida. A bebida subindo solta, Marianela ofereceu-se a ele como uma flor se oferece à primavera. Os braços compridos para os abraços, os beijos loucos se prolongando e cada vez mais, exigindo...

A luz de penumbra tanto a embelezava quanto deixava claras as curvas do corpo macio. Não não não... Apenas um brado rouco, abafado, entre os travesseiros. Por favor não, eu te peço, por amor de Deus, aí não.

Marianela encolheu-se no canto escuro, as mãos trêmulas comprimindo o soutien contra o peito, implorando sempre, para o olhar atônito que não entendia nada.

Despediram-se tensos e inexplicáveis. Com meias palavras se disseram adeus, ela correndo para o vestibulo do prédio, desesperada, onde pegou o elevador. Sem nem olhar para trás.

No aconchego de seu velho companheiro quarto, Marianela lavou as lágrimas e desacertos do rosto, tirou a roupa novamente e, nua, deitou-se na cama.

Sob a luz do abajur, ela mergulhou nas cobertas, soltou as presilhas do soutien e apalpou seu corpo. Exatamente ali. No espaço vazio, onde não mais existiam dois lindos seios.

Marianela apagou a luz e chorou mais uma noite interminável.